

12-11-2024

Ler o mundo pelo trabalho – o que move o trabalhador?

John Carlos Alves Ribeiro

[Professor. Instituto Federal de Goiás. Membro do Dona Alzira]

Uma criança me oferece balas no sinal. Um homem faz malabares. Um cantor com seu violão, canta, desencanta, na porta de um supermercado.

Seu Joãozinho vigia meu carro, nas imediações do Estádio Antônio Accioly. - *Olha lá, Seu Joãozinho!* Meu padrasto, Tim, não veio almoçar na minha casa nesse final de semana. Estava enrolado com um corte que lhe custou R\$ 64,00 (16 peças de 8 pares de sapatos, a R\$ 8,00 o par), um dia e meio de árduo trabalho. Todas essas situações envolvem diretamente relações precárias de trabalho. O trabalho precarizado na imposição de condições de vulnerabilidade de trabalhadores que, em busca de sobrevivência, se submetem ao trabalho indesejado ou ao que resta de trabalho que lhe possibilite alguma renda.

Algumas pessoas, inocentemente, para não dizer completamente alienadas, vão levantar a bandeira da dignidade do trabalho. - *Ah, mas é um trabalho digno.* Essas pessoas estão lutando pela sobrevivência de forma digna, honesta e merecem respeito. Nisso, tudo certo. Concordo que merecem respeito. Mas relegá-las ao trabalho em condições precárias, por falta de opção, de acesso, por dificuldades de inserção no mercado de trabalho formal, isso é, de alguma forma, respeitá-las? Acho que não. Na Coluna Opinião e GE Multiplicadores de VISAT, concordamos que garantir dignidade e respeito passa pela garantia de direitos humanos fundamentais, dentre eles o acesso a emprego e renda suficientes para manutenção de alimentação, vestuário, moradia, saúde, lazer etc. Garantir uma vida digna é manter esses trabalhadores sob uma rede de proteção que passe diretamente pelas estruturas do Estado: empregabilidade formal, seguridade social em caso de acidentes, garantias para períodos de desemprego, reinserção no mercado de trabalho, salário-mínimo que vá além da mera sobrevivência, direito à aposentadoria. Ou seja, tudo o que tem sido retirado via reformas nos últimos governos. A lista poderia seguir, mas quero voltar aqui a outras imagens do trabalho.

Um homem estaciona seu carro próximo ao Bosque dos Buritis. Dessa vez o flanelinha que o recebe é outro; Seu Joãozinho, nesse horário, trabalha de servente de pedreiro na diária para um pedreiro amigo seu. Esse homem coloca seu paletó, ajusta sua gravata, cumprimenta informalmente os vigilantes, dos quais sequer sabe o nome, e adentra o prédio da Assembleia Legislativa de Goiás. Ele é assessor de um deputado. É dos seus homens de confiança. Ele carrega consigo uma maleta, uma pasta de executivo, dessas bonitas, em couro fino. O flanelinha e os vigilantes certamente não fazem ideia de seu conteúdo, mas devem apostar que seja coisa importante. Ao chegar ao gabinete do deputado, aguarda sua vez de entrar. Essa gente tem agendas e bolsos cheios. E sorrisos fartos para quem lhes traz afagos a seus egos ou mimos a seus interesses. O assessor traria informações que poderiam ser utilizadas em algum projeto de lei ou decreto? Ou seria mais algum arranjo entre o deputado e aqueles a quem ele representa de fato? Talvez alguma reforma importante, alguma mudança que beneficie a geração de empregos por parte dos nossos dedicados empreendedores. Apenas conjecturas. Mais reflexões sobre respostas ficam para outro momento. O importante neste cenário hipotético é perceber as diferentes perspectivas de leitura do mundo pelo trabalho. A questão que precisamos atacar é: o que devemos entender por trabalho na sociedade capitalista de nossos tempos e quais interesses estão por trás das formas como o trabalho é tratado por diferentes atores sociais?

Posso garantir que há diferenças entre os olhares sobre o que seja o trabalho entre o FLANELINHA, o VIGILANTE, o ASSESSOR e o deputado. Cada um terá seu apropriado de uma ideia, um discurso, uma visão sobre o que é trabalho e seu papel nas engrenagens que fazem esse mundo funcionar. O flanelinha e o vigilante, talvez também o assessor, compõem eles frágeis da atual relação capital-trabalho. O FLANELINHA na condição de desempregado vivendo do trabalho informal. Mesmo induzido a se ver como empreendedor individual, patrão de si mesmo, sente todos os dias na pele as consequências de um trabalho sem garantias, sem qualquer proteção do Estado. Sempre que adocece, ou é acometido por alguma intempérie, um acidente ou algo do tipo, fica à própria sorte. Falando em sorte, tem que contar com ela todos os dias para não faltar o principal (a sobrevivência e alguma dignidade) no final do dia, da semana, do mês. Além disso, está sempre sujeito ao não pagamento dos clientes, aos conflitos com “colegas de trabalho”, ou concorrentes por pontos e clientes. O VIGILANTE, ao proteger o interesse público e privado (neste caso o patrimônio do órgão público), também o faz como elo frágil, como empregado terceirizado. Trabalha para uma empresa contratada que presta serviços de segurança patrimonial. Com salários menores do que os raros vigilantes de carreira, contratos que podem ser rompidos a qualquer tempo, treinamentos aligeirados, se submete por ser a opção mais segura a seu alcance. Emula sorrisos ou olhares sisudos a depender do posto de trabalho e das pessoas com quem deve lidar. O vigilante de nosso caso hipotético tem que saber sorrir, receber com educação a todos, sabendo separar quem é “importante” e quem não é. Por vezes terá que barrar pessoas de seu mundo, outros trabalhadores que podem ter origem social tal qual a sua. O ASSESSOR deste exemplo tem contrato temporário, cargo comissionado de direito do deputado. Trabalha ao lado de profissionais de carreira, concursados, e de outros servidores temporários como ele. Sempre há alguma animosidade entre os trabalhadores de perfis diversos. Mas todos precisam abaixar as cabeças para atender aos desejos das autoridades. - *Me traga um café.* - *Corrija esse texto. Revise-o para a fala de amanhã, na tribuna.* - *Leve esse pacote (um presente) ao deputado fulano, em agradecimento à sua intervenção na reunião anterior.* - *Ligue para beltrano.* - *Reagende essa viagem.* - *Faça isso. Faça aquilo. Faça aquilo outro.* Todos em prol de todos. O FLANELINHA vigiando os carros luxuosos dos deputados, seus assessores e visitantes. O VIGILANTE sorrindo para quem importa, fechando a cara para quem precisa. O ASSESSOR comissionado correndo com as demandas. O deputado legislando. Nessa cena há ainda muitos outros atores. Muitos trabalhadores que, sem sua atuação, algo faltaria. Trabalhadores da limpeza. Do cafezinho. Etc. Etc. Etc. Esse é apenas um cenário possível de leitura das múltiplas facetas das relações de trabalho contemporâneas. Uma das possibilidades que temos para ler o mundo e sua complexidade pela categoria trabalho. Todavia, há sempre uma questão *a priori*: em cada um desses casos ou em qualquer outro, **O QUE MOVE O TRABALHADOR?** Essa questão sozinha daria dissertações, teses, livros. Vou deixar aqui apenas algumas ilações: **NECESSIDADE DE SOBREVIVÊNCIA**; busca por **MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA**; luta por **ALCANÇAR OS SONHOS**; **REALIZAÇÃO DOS MUITOS DESEJOS CRIADOS E RECRIADOS**. Todas são respostas válidas, como no Paradoxo de Epimênides (do mentiroso), filósofo e poeta grego (600 a.C.), muitas respostas podem ser verdadeiras. (a frase seguinte é verdadeira, a frase anterior é falsa) Especialmente porque essa questão ao ser feita a diferentes trabalhadores será entendida de diferentes maneiras. Lendo o mundo pelo trabalho - o nosso mundo - me atrevo aqui a deixar uma possibilidade. **O QUE REALMENTE MOVE O TRABALHADOR É SEU CORPO, SUA MENTE, SUA EXISTÊNCIA.** Cada um a seu modo, no seu tempo. Essa proposição nos impõe outras questões igualmente importantes. Quem é você, quem sou eu, quem somos nós neste mundo? O que nos move enquanto trabalhadores? Fica o convite à reflexão...

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.

A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, a perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.